

Devo, não nego. Mas também não pago

Os R\$ 400 mil doados pelas empreiteiras Odebrecht e Via Engenharia para campanha de Cristovam não serão devolvidos pelo PT

Ricardo Mendes e
Antonio Vital
Da equipe do Correio

O PT se rendeu. Dois anos depois, o partido reconhece que é impossível cumprir a decisão, tomada pelo Diretório Regional, de devolver os R\$ 400 mil doados à campanha do governador Cristovam Buarque pelas empreiteiras Norberto Odebrecht e Via Engenharia. A história, publicada pelo **Correio Brasileiro**, constrange até hoje o governo do Distrito Federal.

“Não pagamos e não vamos pagar essas doações”, admitiu ontem, pela primeira vez, a presidente do PT/DF, deputada federal Maria Laura.

O tesoureiro do partido na época, Clayton Aguiar, chegou a organizar uma campanha de arrecadação, com festas, rifa de um carro e venda de bônus. Arrecadou menos de R\$ 3 mil. Em maio do ano passado, o PT local ratificou a decisão de devolver o dinheiro. Só não disse como.

O atual tesoureiro, Vilmar Lacerda, conta que o dinheiro arrecadado acabou saldando outras despesas do PT. Por enquanto, o cumprimento da decisão de devolver o dinheiro é um assunto que parece ter sido varrido para debaixo do tapete. “Ainda não tomamos nenhuma nova decisão a respeito disso”, conta Lacerda.

LOGO A ODEBRECHT?

“Uma hipocrisia”. Assim reage o ex-secretário de Governo Hélio Doyle ao se referir à decisão do diretório petista. Em 1994, Doyle era o coordenador da campanha de Cristovam e responsável, entre outras coisas, por conseguir dinheiro para pagar as despesas, principalmente com rádio e televisão.

Cristovam, no início da campanha, tinha apenas 3% de intenção de votos, mas conseguiu chegar ao segundo turno, o que espantou muita gente, até mesmo no núcleo do PT. Os partidários espantaram-se, também, ao constatar que o cofre estava vazio e ainda faltavam 40 dias para o dia D. Preocupado, Doyle levou o fato ao

conhecimento do Diretório Nacional do PT, em São Paulo, em uma reunião que contou com as presenças do candidato Cristovam e do então presidente do partido, Luís Inácio Lula da Silva.

Lula encaminhou Doyle ao tesoureiro do partido, Paulo Okamoto. A conversa com Okamoto aconteceu no Hotel Danúbio. O tesoureiro do PT disse que “ia ver”.

E viu. Três semanas depois, Okamoto ligou para Doyle, na sede da campanha de Cristovam, no Venâncio 2.000, e disse que tinha conseguido o dinheiro. “Faremos uma reunião. É importante você e o Cristovam irem”.

O encontro era com três diretores da Odebrecht, entre eles Roberto Sena. “Mas logo a Odebrecht? Não vai dar problema?”, perguntou Doyle, no que foi tranquilizado por Okamoto. “Não tem problema. Será tudo feito legalmente, e eles já ajudaram na campanha do Lula”.

BRILHO NOS OLHOS

Cristovam e Doyle se encontraram com os executivos na casa vazia do deputado federal Hélio Bicudo (PT-SP). Eles disseram que a empresa queria mudar sua imagem. Para isso, estava disposta a investir na campanha petista e em projetos educacionais. Os olhos de Cristovam brilharam nessa hora. “E não queremos nada em troca”, asseguraram.

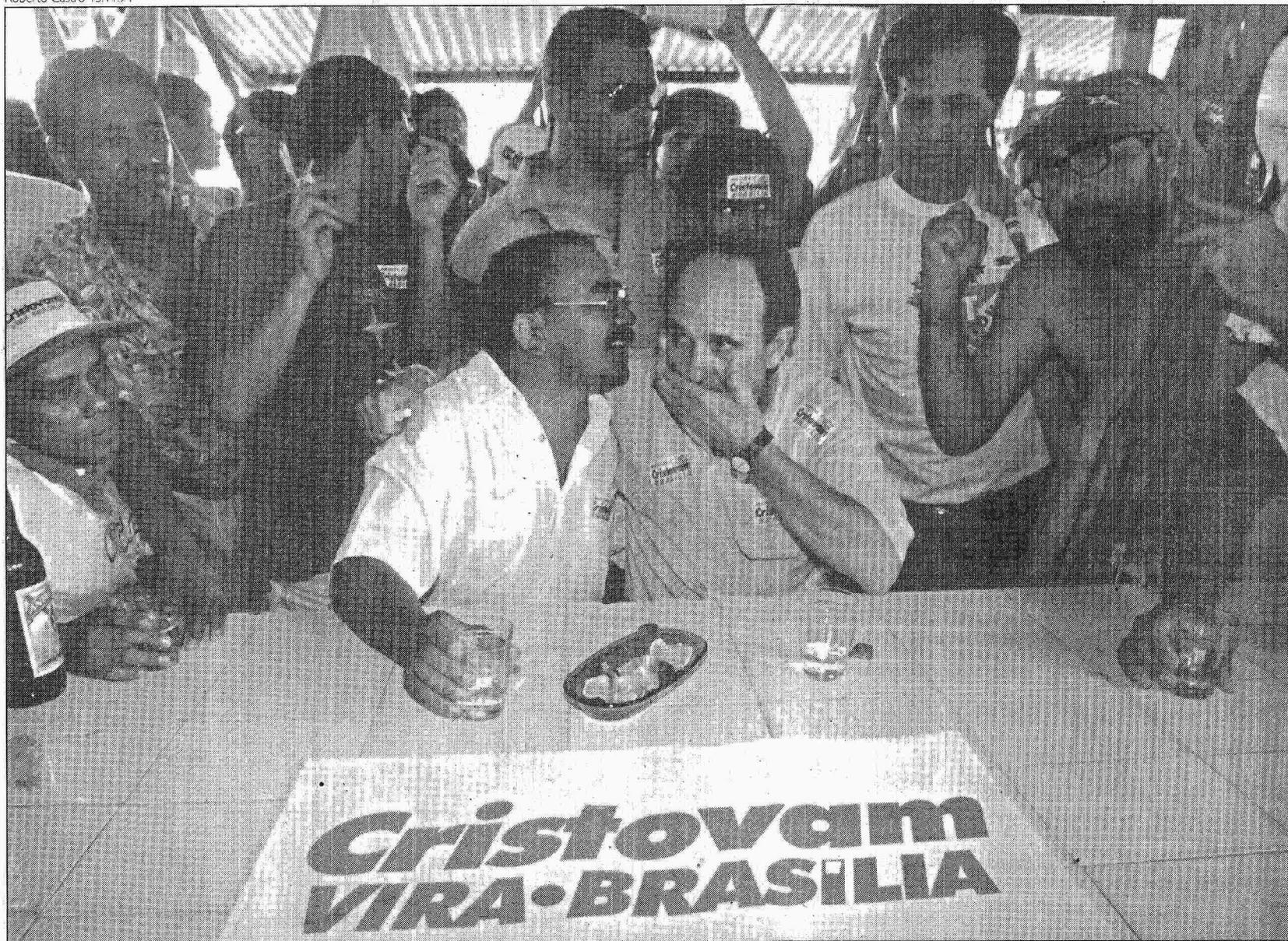
Prometeram R\$ 150 mil. Okamoto, também presente, disse que não era suficiente. “Vamos ver”, responderam.

E viram. Faltando três dias para o segundo turno, Sena ligou para Doyle e disse que tinha boas notícias. “Estou com o dinheiro. São R\$ 200 mil, mande alguém vir buscar, com os bônus”.

Doyle, hoje, tem certeza de que o escândalo que se sucedeu foi explorado politicamente por petistas ligados à corrente Articulação — os deputados Geraldo Magela e Chico Vigilante.

“O pessoal da Articulação queria me derrubar. Tudo foi feito dentro da legalidade, o partido iria examinar a operação, mas, antes disso, transformaram tudo em um escândalo”, diz.

Roberto Castro 13.11.94



Um dia antes de receber R\$ 200 mil da Odebrecht para a campanha, Cristovam foi à Ceilândia acompanhado do deputado Chico Vigilante

FRASES DO FUNDO DO BAÚ

“A data limite para arrecadação será 18 de abril do ano que vem (1995), mas acredito que vamos juntar o dinheiro antes disso.”

Clayton de Souza,
tesoureiro do PT de Brasília, em 30/12/94

“Cristovam confiava na gente e, certamente, não seria contra a doação. Não contamos nada, porque ele estava concentrado apenas na campanha.”

Hélio Doyle,
em 26/11/96, para proteger o governador.

“Eu não estava sabendo. Mas, apesar do passado da empreiteira, não vejo proque isso prejudicaria o PT. Seria ruim se a doação fosse clandestina.”

Cristovam Buarque,
Governador eleito sobre o dinheiro da Odebrecht, em 26/11/96. Ele sabia

“Esse pessoal de Brasília está caçando sarna para se coçar.”

José Genóio
Deputado federal (PT-SP), em 30/11/96, se referindo à decisão de devolver o dinheiro, tomada pelo diretório do partido em Brasília.